

Resumo

Em 1940, o Palácio Foz foi adquirido pelo Estado Português e foi decidido que seria ocupado pelo Secretariado da Propaganda Nacional (SPN/SNI) e pela Inspeção-Geral dos Espectáculos. No ano seguinte deu-se o início da recuperação do edifício, conforme projeto do arquiteto Luís Benavente (1902-1993), ao serviço da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN). O trabalho de Benavente consistiu na reelaboração do espaço exterior e interior, que não só procurava restituir ao edifício a sua feição original do século XVIII, como também criar espaços adaptados às funções da instituição estatal.

Em 1947, a Comissão para a Aquisição de Mobiliário esteve envolvida, juntamente com o SNI, no planeamento de mobiliário e decoração do Palácio. Luís Benavente empenhou-se em seleccionar objetos artísticos e decorativos, mas interveio igualmente no projeto de mobiliário. Os objetos foram escolhidos em antiquários, mas também se desenharam móveis de inspiração historicista, que eram considerados como os mais ajustados ao estilo do Palácio. ●

Abstract

In 1940, the Foz Palace was purchased by the Portuguese State and ruled to be the new site for the National Propaganda Secretary (SPN/SNI) and for the Showbusiness General-Inspection. At the following year the building's recovery began, directed by Architect Luís Benavente (1902-1993), working for the National Monuments and Buildings' General Directory (DGEMN). Benavente's work consisted in redesigning both the interior spaces and the facade, aiming not only to restore the building's original XVIII-century's look but also to create a context appropriate to the tasks to be performed there.

In 1947, the Commission for the Furniture's Purchasing was involved, together with SNI, in the Palace's design planning and decoration. Luís Benavente devoted himself in selecting specific art and decoration pieces but intervened also in the furniture design and supply. The objects used to bring life to those premises were mostly carefully selected at antiques shops, but furniture with historic inspiration was also designed and crafted, considered most fit to the Palace's style. ●

Arbitragem Científica Peer Review

Maria João Baptista Neto

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Sandra Vaz Costa

Direcção Geral do Património Cultural

palavras-chave

DESIGN DE INTERIORES

ESTADO NOVO

HISTORICISMO

LUÍS BENAVENTE

PALÁCIO FOZ

key-words

INTERIORS' DESIGN

"ESTADO NOVO"

HISTORICISM

LUÍS BENAVENTE

FOZ PALACE

Data de Submissão
Date of Submission

Mar. 2013

Data de Aceitação
Date of Approval

Abr. 2014

A ADAPTAÇÃO DO PALÁCIO FOZ PARA SEDE DO SECRETARIADO NACIONAL DE INFORMAÇÃO

A INTERVENÇÃO DA DGEMN E DE LUÍS BENAVENTE NO MOBILIÁRIO E DECORAÇÃO DE INTERIORES (1940-1953)*

MARGARIDA ELIAS

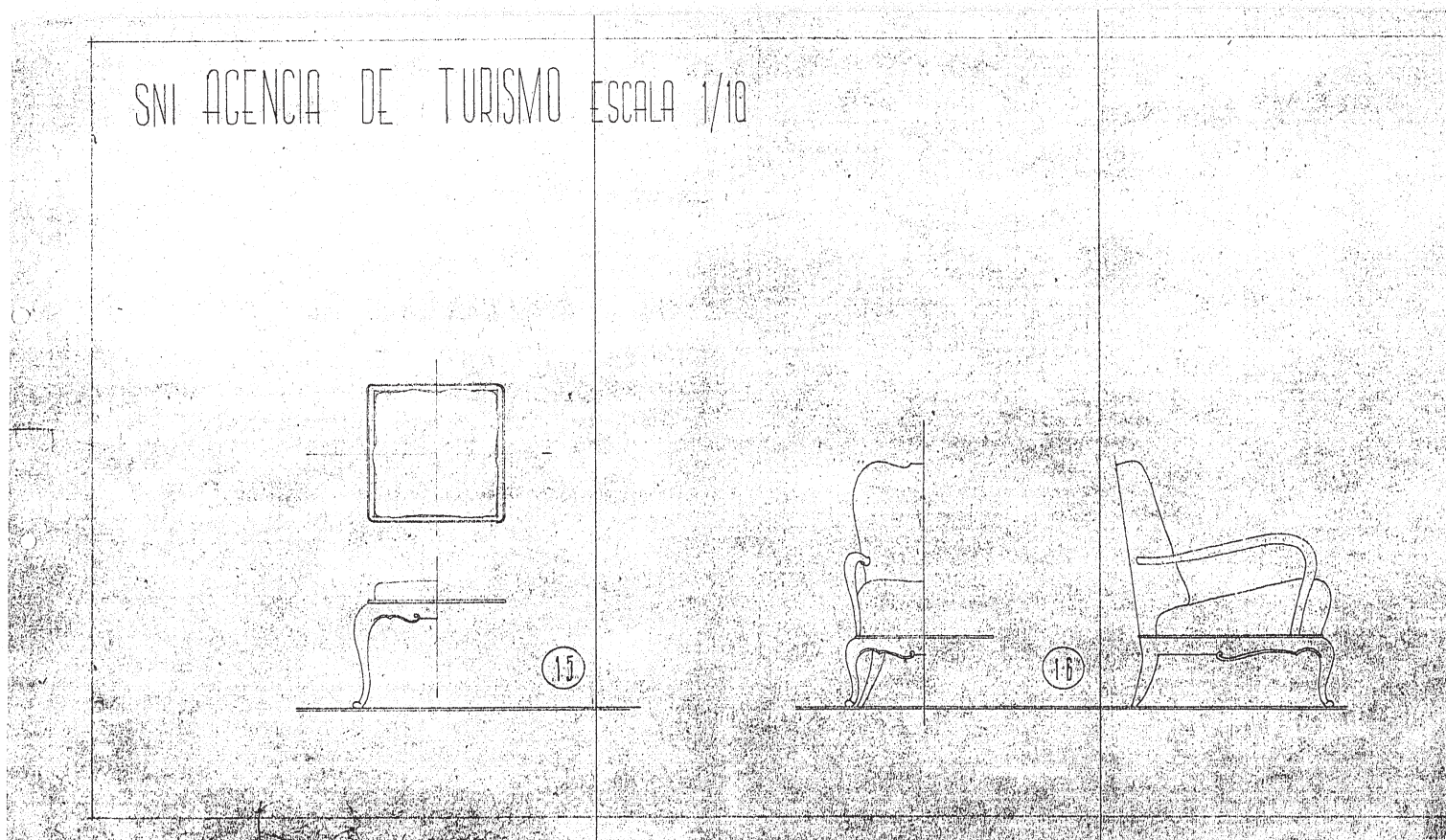
Centro de investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design (CIAUD)
Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

* Este texto enquadra-se na investigação realizada no âmbito do projeto «Móveis Modernos. A Actividade da Comissão de Aquisição de Mobiliário no âmbito da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. 1940-1974», financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/AUR-AQI/115660/2009). O projeto tem sede na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, tendo como investigador principal o Professor Doutor João Paulo Martins, com o apoio de duas bolseiras de investigação, a Dra. Sofia Diniz e a autora deste artigo, Margarida Elias. O projeto tem ainda o apoio do IHRU (Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana), nomeadamente através do acesso privilegiado ao Arquivo do Forte de Sacavém, onde se encontra a documentação da antiga DGEMN.

O Palácio Foz (ou Palácio Castelo Melhor) localiza-se na Praça dos Restauradores, no centro histórico de Lisboa. O edifício tem sido objeto de diversos estudos, entre os quais destacamos o dossier que lhe foi dedicado no n.º 11 da revista *Monumentos* (1999)¹ e a obra coordenada por Alexandra Silveira Lorena, com texto de Carlos Schoneberger de Ataíde, datada de 2010².

De acordo com a investigação já realizada, o Palácio foi mandado edificar pelo 1.º Marquês de Castelo Melhor, D. José de Vasconcelos e Sousa Câmara Faro e Veiga. Sabe-se que, em 1776, o edifício já era habitado, mas a construção ainda não estava concluída, visto que o arquiteto italiano Francesco Fabri (1761-1807), chegado a Portugal em 1790, superintendeu as obras até à data da sua morte. A edificação do Palácio só foi dada por terminada em 1858, com a inauguração da capela.

Em 1889, Tristão Guedes de Queirós Correia Castelo Branco, 1.º Marquês da Foz, adquiriu o edifício e empreendeu uma campanha de obras de transformação e de decoração, dirigidas pelo arquiteto José António Gaspar (1842-1909), as quais iriam alterar a fisionomia exterior e interior do edifício, conferindo-lhe um gosto fran-



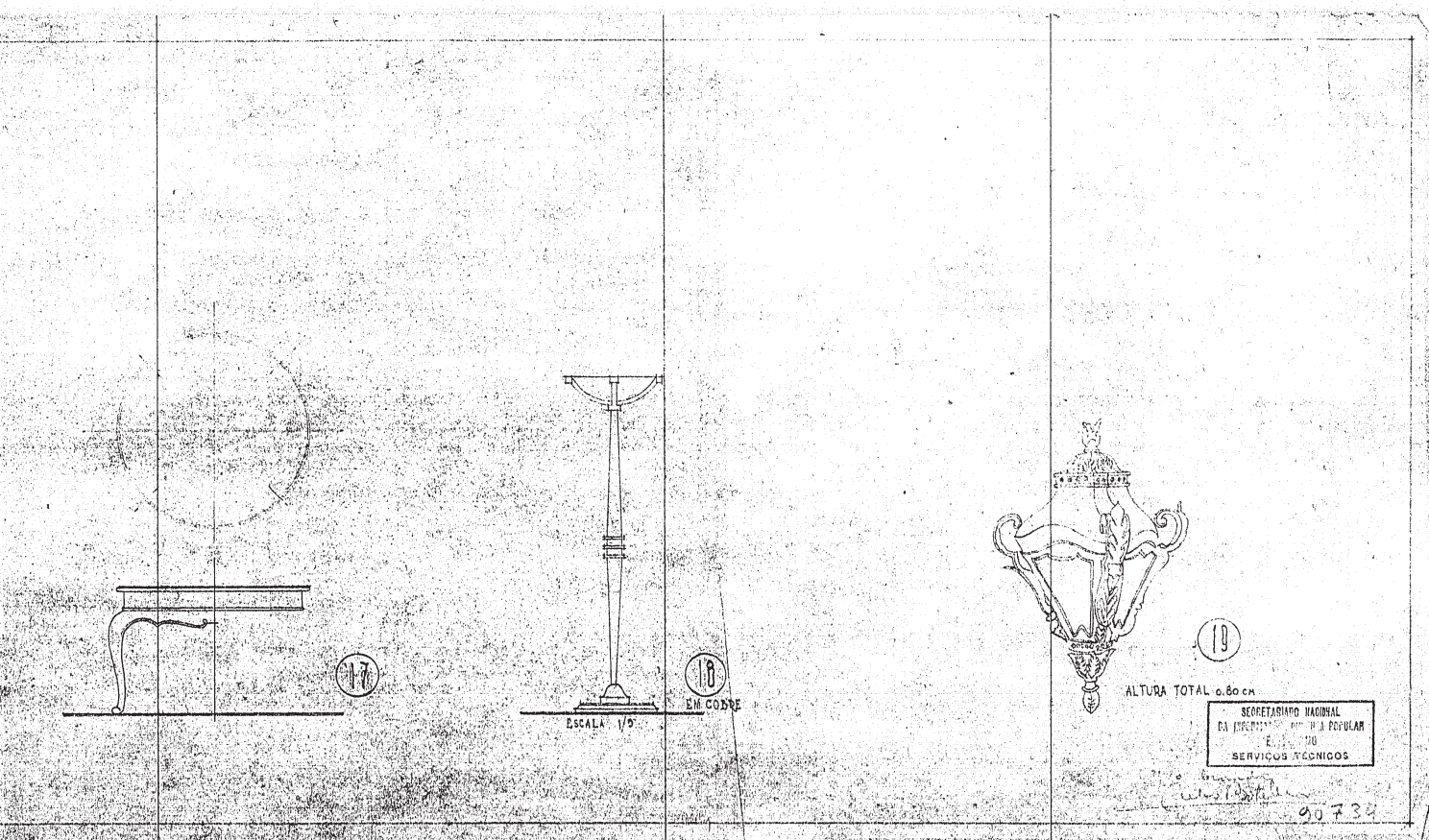
cês neo-barroco e neo-*rocaille* que hoje persiste. Contudo, no início do século xx, o Marquês da Foz viu-se obrigado a vender o recheio do Palácio e o espaço foi alugado a Manuel José da Silva, proprietário do *Anuário Comercial*. Dos seus faustos interiores pouco terá ficado: «Estatuas de marmore de Carrâra, preciosas mobílias (...), quadros dos melhores mestres, o vôo que tomaram dispersou para sempre todas essas bellas coisas. Algumas ficaram em Portugal, muitas sahiram a fronteira»³.

Para maior rentabilização, o edifício foi dividido e arrendado a várias empresas e instituições, destacando-se o Club-Maxim's e o *Animatographo*. Em 1908, o espaço foi hipotecado ao Crédito Predial e, em 1910, foi adquirido pelo Conde de Sucena. Entretanto caía a Monarquia e o Palácio perdeu definitivamente a sua finalidade nobre, residencial e privada. Em 1929, foi hipotecado pela Caixa Geral de Depósitos, que o adquiriu em 1939.

Uma das primeiras intervenções do Estado, depois de adquirir o Palácio, foi a de afastar os seus anteriores inquilinos. Um dos mais famosos, tinha sido o Club-Maxim's, clube noturno que era considerado o «primeiro clube do país», com luxuosas e monumentais instalações⁴. Quando do encerramento (em 1933), o seu

¹ Sobre este assunto ver os artigos de José-Augusto França, «O Palácio Castelo Melhor ao Passeio Público», José Sarmiento de Matos, «O Palácio de Castelo Melhor», Raquel Henriques da Silva, «O Palácio Castelo Melhor: contexto e projecto inicial» e Teresa Leonor M. Vale, «Da sumptuosidade e da ostentação. Os interiores do palácio dos marqueses da Foz nos últimos anos de Oitocentos», in *Monumentos*, DGEMN, n.º 11: Set. 1999.

² Lorena, Alexandra Silveira, Ataíde, Carlos Schoeneberger de (Coord.). 2010. *Palácio Foz*. Lisboa: GMCS. É ainda de acrescentar outro livro de Carlos Ataíde sobre o Palácio Foz, editado pela Direção Geral da Divulgação, em 1984; assim como o capítulo sobre o Palácio Foz no *Dicionário da História de Lisboa*, de 1994, assinado por Maria do Céu Miguel.



SNI Agência de Turismo / Carlos Botelho / 1947
/ DES.00090734

³ *O Ocidente*, n.º 806, 20/5/1901, p. 108.

⁴ Sobre este tema cf. Vaz, Cecília Santos. 2008. *Clubes Nocturnos Modernos em Lisboa: Sociabilidade, Diversão e Transgressão (1917-1927)*. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (Tese de Mestrado).

⁵ Teresa Vale e Carlos Gomes (1994), Cecília Matias (1999), Paula Figueiredo (2008), «Palácio Foz / Palácio Castelo Melhor», in SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [<http://www.monumentos.pt>], consultada a 26 de Março de 2013.

recheio foi leiloado mas algo deve ter ficado, pois, em 1940, fez-se uma avaliação dos móveis existentes no Clube para verificar a viabilidade de serem utilizados para a futura decoração do edifício. Raul Lino (1879-1974), que era, desde 1939, o Superintendente Artístico para os Palácios Nacionais, foi o responsável pela elaboração do inventário das peças que interessava manter⁵.

Em Dezembro de 1940, decidiu-se que o espaço seria ocupado pelo Secretariado da Propaganda Nacional (SPN) e pela Inspeção-geral dos Espetáculos. No ano de 1941, iniciou-se a recuperação do edifício, conforme projeto do arquiteto Luís Benavente (1902-1993)⁶. Este estava, desde 1938, ao serviço da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), e seria, a partir de 1952, Diretor de Serviços dos Monumentos Nacionais⁷.

A ação de Benavente no Palácio Foz vinha na continuidade de outros trabalhos que realizara em edifícios de carácter histórico e monumental, nomeadamente, no período de 1934-1935, em Coimbra, na recuperação e enquadramento do motivo central do Claustro da Manga e na Comissão que presidiu às obras no Museu Machado de Castro⁸. Durante a cronologia que nos ocupa, esteve também envolvido noutros projetos da DGEMN, como o Paço dos Duques de Bragança, em Guimarães⁹,

a adaptação do corpo da Arrábida, do Palácio Nacional de Belém, para residência do Presidente da República (1951-1952), e na adaptação do Palácio de Seteais para Hotel, em Sintra (1953-1954).

Os trabalhos de arquitetura no Palácio Foz foram continuadas ao longo dos anos seguintes, completados em 1945, com a construção de um corpo a poente, que fechava o jardim. Ainda em 1950, fizeram-se novas obras, designadamente com a criação da Sala de Conferências, Concertos e Cinema. Na perspetiva de Benavente, com o resultado destas obras, o edifício ganhou uma nova «monumentalidade»¹⁰. Estando o edifício a ser recuperado e adaptado às suas recentes funções, faltava tratar do recheio de mobiliário, equipamento e decoração. Grande parte desse trabalho foi desenvolvido através da Comissão para a Aquisição de Mobiliário (CAM). Esta comissão fora criada em 1940, no seio da DGEMN¹¹, e tinha por objetivo conduzir as tarefas de fornecimento de mobiliário para os edifícios públicos, de construção nova ou que tivessem sido objeto de profunda remodelação. Nos anos em que se fez a aquisição de mobiliário para o Palácio Foz, a Comissão incluía como vogais Luís Benavente e o Conservador do Palácio Nacional da Ajuda, Manuel Cayola Zagalo (1904-1970).

De acordo com o Decreto de criação da CAM, o estudo de móveis, equipamentos e decorações deveria ser realizado em articulação com a entidade à qual o edifício se destinava. No caso do Palácio Foz, a CAM colaborou com o Secretariado Nacional da Informação e Cultura Popular (ou SNI, a nova designação do SPN, desde 1945), para a realização do estudo do mobiliário e a sua aquisição.

Para além da CAM, existia ainda outra Comissão, também responsável pela intervenção no interior do Palácio Foz, constituída novamente Manuel Zagalo e por Benavente, mas também José Leitão de Barros (1896-1967), como delegado do SNI. A ideia de base era a de «criar um ambiente rico e harmonioso, sem a preocupação de repor rigorosamente o estilo francês, tal como era o primitivo mobiliário na última reforma do palácio»¹².

Em 1947, o SNI instalou-se no edifício, mas a aquisição de mobiliário continuou ao longo dos anos seguintes. O primeiro fornecimento destinou-se ao Salão de Exposições, que se augurava que viria a ser «a primeira galeria de exposições de Lisboa»¹³. Para este espaço previa-se um estrado para teatro ou conferências, sendo o seu mobiliário, naturalmente, bastante reduzido: bancos duplos e um de maiores dimensões, circular, todos forrados de veludo (fornecidos pelas empresas Jalco e Barbosa & Costa).

Se bem que Benavente tenha tido um papel preponderante na definição dos interiores, os projetos de mobiliário não foram apenas da sua autoria. Carlos Botelho (1889-1992), pintor de formação, integrado como decorador nos Serviços Técnicos do SNI, elaborou também desenhos para móveis. Trata-se, em geral, de desenhos de modelos historicistas, inspirados no século XVIII, mas adaptados a modernas funções, como, por exemplo, um armário para telefonia. Esse mobiliário seria fornecido por diversas empresas, entre as quais, a Alcobia. Em 1949, sob a responsabilidade direta de Benavente, tratou-se da Biblioteca, planeada num género clássico,

⁶ Sobre este arquiteto, cf.: AA VV. 1997. *Luís Benavente – Arquitecto*. Lisboa: IANTT; Oliveira, Cláudio Guiomar de. 2010. *Luís Benavente (1902-1993). Portugal 1910-2010 – 100 Anos de Património – Memória e Identidade*. Lisboa: IGESPAR: 250.

⁷ DGLAB/TT, Caixa 90, Pasta 561, *Espólio de Luís Benavente*, «Biografia do Arquitecto Luís Benavente ao Serviço da Nação».

⁸ Juntamenzte com Virgílio Correia (Diretor do Museu) e o arquiteto Baltazar de Castro (Diretor dos Monumentos Nacionais do Norte). Cf. *Diário do Governo*, n.º 129, II.ª série, 5/6/1935.

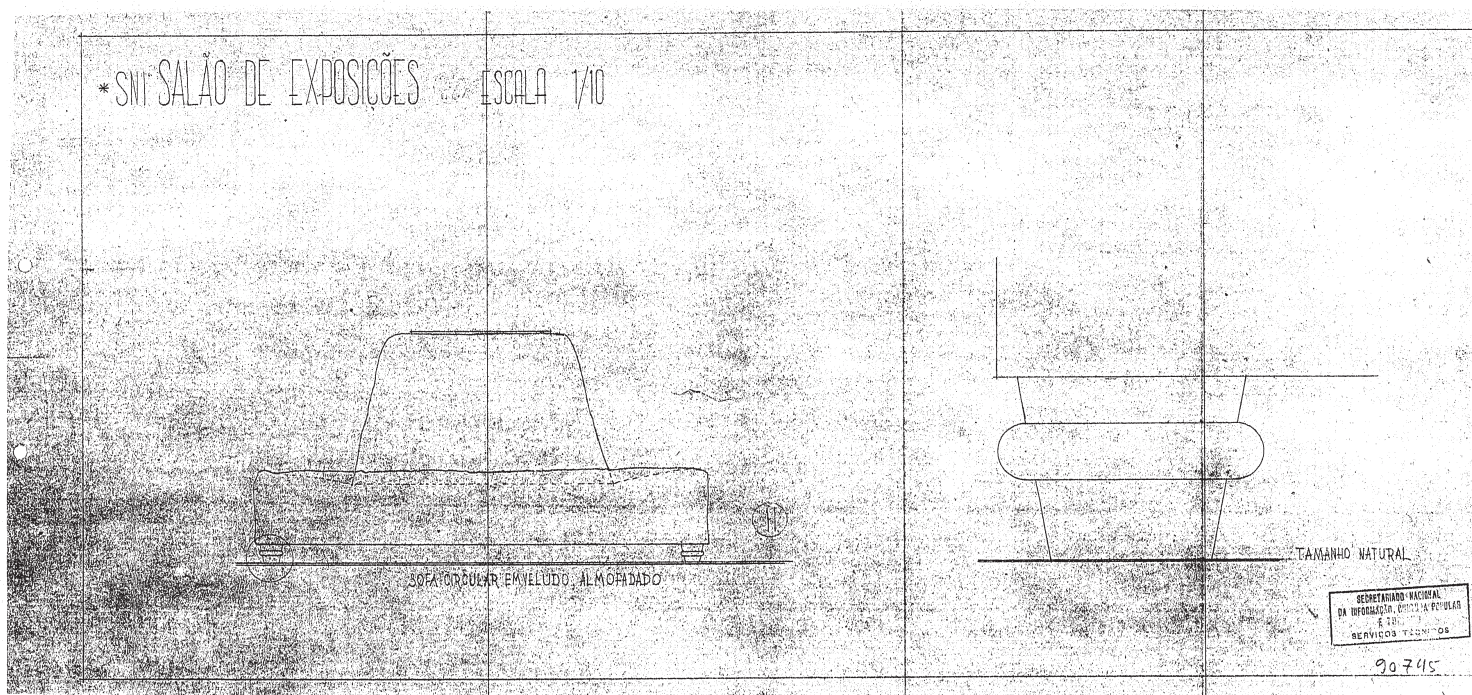
⁹ Obras orientadas por Rogério de Azevedo entre 1936 e 1940; o mobiliário e decoração foram adquiridos, através da DGEMN/CAM, entre 1955 e 1959.

¹⁰ IHRU: DSARH-PESSOAL 0476/02.

¹¹ Decreto-Lei n.º 30:359 de 1940 in *Diário do Governo*, I.ª Série, n.º 80, 6/4/1940.

¹² IHRU: CAM 0031/05: TXT.07019522, TXT.07019525 e TXT.07019547.

¹³ IHRU: CAM 0031/02.



SNI Salão de Exposições - Sofá circular / 1947 /
DES.00090745

com estantes em madeira de casquinha pintada. O arquiteto dizia que: «a próxima conclusão da biblioteca, dependencia com a sobriedade que tal local requiere, vai permitir a sua utilização para congressos internacionais nas suas sessões de trabalho»¹⁴. Entre 1950 e 1951 foram fornecidas mesas com ferragens douradas, cadeiras estofadas em pele verde escura e estantes de mesa, fornecidos pela Soares Barbosa & Irmão¹⁵.

Ainda no ano de 1949, o arquitecto Leonardo Castro Freire (1917-1970) projectou mobiliário de linhas mais simples e modernas, destinados aos Serviços Técnicos e de Turismo, que estavam em maior contacto com o público. Era essa a razão que o arquitecto alegava para que fossem construídos para estes espaços móveis robustos em madeira de carvalho¹⁶.

Dentro dos vários departamentos que eram albergados pelo Palácio, é de destacar a Sala de Conferências, Concertos e Cinema, projectada por Benavente, em 1950. O arquitecto pensou nas cadeiras para a assistência (com madeira pintada e dourada a folha de ouro), mas também no mobiliário para o *foyer* (com bancos pintados e dourados levando «frisos de muralhas sobrepostas, no estilo Luís XVI»¹⁷) e para os camarins – sendo este mobiliário fornecido pela Olaio. Em 1951, a decoração do espaço era ainda enobrecida com uma peça de cerâmica com as armas nacionais executada por Jorge Barradas (1894-1971)¹⁸ e com a aquisição de uma lanterna de latão à Antiquária de Portugal¹⁹, para o átrio. Empreendeu-se igualmente o fornecimento de um equipamento de projecção cinematográfico para filmes sonoros. Pela mesma altura, 1950, Benavente, em colaboração com Zagalo, delineou o mobiliário e decorações para as salas do andar nobre²⁰. Nesse piso existiria um maior

¹⁴ IHRU: CAM 0286/03 CAM 0312/17.

¹⁵ IHRU: CAM 0312/13.

¹⁶ IHRU: CAM 0312/12. Outro arquitecto que participou nos projetos de mobiliário foi Alberto Pereira da Cruz (1920-1990), com modelos de estilo historicista destinados a espaços cuja localização não foi ainda possível identificar.

¹⁷ IHRU: CAM 0312/02 e CAM 0312/16.

¹⁸ IHRU: CAM 0393/03.

¹⁹ IHRU: CAM 0021/04: TXT.07012352.

²⁰ IHRU: CAM 0031/06.

investimento decorativo, pois previa-se que os Salões fossem utilizados em festas e receções, por vários departamentos do governo. Benavente afirmou, ainda em 1949, que, no «intuito de completar o ambiente das dependências do andar nobre do Palácio Foz, ha tempo que temos vindo a procurar saber o paradeiro e na posse de quem se encontram os objectos de adorno que pela sua natureza possam interessar repôr»²¹. Neste contexto, fez-se o restauro dos lustres de Veneza, já existentes no Palácio²². Adquiriu-se uma escultura de Leopoldo de Almeida (1898-1975) e duas telas, da escola flamenga do século xvii, atribuídas a Frans Sneyders (1579-1657). Em 1953, o antiquário Henrique Soares forneceu sofás e *fauteuils* no estilo Luís XVI, forrados a tapeçaria Aubusson, representando as fábulas de La Fontaine²³. Poderemos exprimir que, na decoração dos interiores deste edifício, se assinalam alguns problemas que julgamos merecedores de realce, não só para melhor compreender o trabalho realizado por Benavente, como para melhor alcançar a acção do Estado Novo na decoração dos edifícios estatais e de carácter público, particularmente os de cunho monumental. No que respeita ao historicismo, devemos lembrar que, como foi referido por Jonathan M. Woodham (1997), a nostalgia pelo passado teve um papel significativo na produção e no consumo de *design* ao longo do século xx, sendo que o saudosismo por épocas passadas está ligado a questões de tradição e de identidade nacional.

Se o conservadorismo não era exclusivo de Portugal no Pós-Guerra, devemos assumir que nos anos cinquenta, sobretudo depois da saída de António Ferro do SNI, no final de 1949, se acentuou o lado mais retrógrado do regime. Não deixa de ser relevante que, depois dos anos da «Política do Espírito» propugnados por Ferro – em que se deu apoio aos novos artistas e se promoveu o Modernismo – em 1955, a propósito do recém-inaugurado Museu de Artes Decorativas da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, Salazar tenha afirmado: «É realmente possível que dentro de quinze ou vinte anos este Museu venha a influenciar o gosto do povo português» (Vecchi, 1955). Esta frase atestava, sem dúvida, uma defesa do gosto historicista, embora viesse da parte de Salazar, que estava longe de opções estéticas mais abertas à modernidade.

No caso do Palácio Foz, vários factores se conjugam para o resultado encontrado em termos decorativos. Por um lado, o facto de se tratar da sede do SNI, um organismo directamente dependente da Presidência do Conselho, com funções ligadas à propaganda, ao controlo da cultura e da informação; por outro lado, o facto de o regime ter uma base ditatorial de dominante conservadora (apesar da relativa abertura a valores artísticos modernizantes); por fim, o facto de tudo isto se passar num Palácio cuja origem remonta ao século xviii, redecorado no final do século seguinte, que apresenta, quer na fachada quer nos interiores, uma imagem clássica e barroquizante de influência francesa. A opção por uma decoração clássica, considerada qualificada e prestigiante, adequada à definição formal do contexto pré-existente, deve ter surgido como inquestionável.

Por fim, em diversos estudos realizados sobre as intervenções da DGEMN, tem-se verificado que, pelo menos até à década de 1960, prevalecia a aposta em fazer do

²¹ IHRU: CAM 0393/16: TXT.07250279.

²² IHRU: CAM 0312/03.

²³ IHRU: CAM 0312/01.

restauro um veículo para restituir o edifício a uma pureza idealizada das suas linhas históricas. Neste exemplo, como noutros contemporâneos, a atitude de busca de uma «unidade de estilo» iria abranger o edifício tanto no exterior como no interior, incluindo mobiliário e decoração, que participam do mesmo processo de reintegração do monumento no passado. Assim, se criava uma representação mítica da História, mítica por integral (com uma integridade baseada em suposições e construída, se necessário, com o recurso a réplicas), contribuindo para a propaganda nacionalista que promovia uma imagem de unidade harmoniosa e impoluta. ●

Bibliografia

AA VV. 1997. *Luís Benavente – arquitecto*. Lisboa: IANTT.

ATAÍDE, Carlos. 1984, *Palácio Foz*, Direcção Geral da Divulgação.

BRUNHAMMER, Yvonne, Delaporte, Gillemette (colab.). 1987. *Les Styles des Années 30 à 50*. Paris: Les Éditions de l'illustration Baschet & Cie.

CUSTÓDIO, Jorge (Coord.). *Portugal 1910-2010 – 100 Anos de Património – Memória e Identidade*. Lisboa: IGESPAR.

FERNANDES, José Manuel. 2003. *Português Suave – Arquitectura do Estado Novo*. IPPAR.

GONÇALVES, Rui Mário. 1992-1993. *Arte Portuguesa nos Anos 50*. Câmara Municipal de Beja – FCG.

LORENA, Alexandra Silveira, Ataíde, Carlos Schoneberger de (Coord.). 2010. *Palácio Foz*. Lisboa: GMCS.

MIGUEL, Maria do Céu. 1994. Palácio Foz. *Dicionário da História de Lisboa*. 414-416. *Monumentos*. DGEMN, n.º 11: Set. 1999.

NETO, Maria João. 2001. *Memória, Propaganda e Poder: O Restauro dos Monumentos Nacionais (1929-1960)*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

O Ocidente. n.º 806. 20/5/1801: 108.

SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico [<http://www.monumentos.pt>], consultada a 26/3/2013.

TOMÉ, Miguel. 2002. *Património e Restauro em Portugal: 1920-1995*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

VAZ, Cecília Santos. 2008. *Clubes Nocturnos Modernos em Lisboa: Sociabilidade, Diversão e Transgressão (1917-1927)*. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (Tese de Mestrado).

VECCHI, Adriana de. 1955. «O “Museu de Artes Decorativas” da “Fundação Ricardo Espírito Santo Silva»». *Panorama*. n.º 12, II.ª série.

WOODHAM, Jonathan M. 1997. *Twentieth-Century Design*. Oxford University Press.